A lembrança de um homem-mito

Da sucursal de
BELO HORIZONTE

"Aleijadinho — O Homem e o Mito" é o título do "suplemento pedagógico" que a Secretaria da Educação de Minas Gerais acaba de divulgar, dedicado exclusivamente a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, o mais importante e genial artista do barroco mineiro. A publicação só está circulando agora, mas já estava praticamente concluída desde o ano passado, quando, segundo uma das versões históricas, transcorreram os 250 anos de nascimento do Aleijadinho.

O suplemento republica um poema de Carlos Drummond de Andrade — "O Vôo sobre as Igrejas" — e outro da poetisa Henriqueta Lisboa — "Romance do Aleijadinho" —, além do "Poema Barroco", auto do escritor Paulo Mendes Campos, cujo texto foi encenado num "Caso Especial" apresentado pela TV Globo, no ano passado. Estes três textos não eram inéditos, mas 13 artigos de professores, estudantes de História e especialistas mineiros foram escritos especialmente para o suplemento.

Segundo a professora Leda Botelho Martins Cassanta, diretora do Centro de Educação Permanente "Prof. Luís de Bessa", da Secretaria de Educação, a publicação "não teve nenhuma pretensão de inovar ou provocar impacto". Contudo, "elaborado com informações seguras de pessoas reconhecidas como autoridades no assunto, atendeu à principal clientela do suplemento: as escolas da rede educacional de Minas".

Embora repitam várias informações e enfoques, e não contenham fatos inéditos, os 13 artigos mostram diversos aspectos e interpretações sobre o Aleijadinho e o seu trabalho artístico, como a questão da data do seu nascimento (segundo alguns pesquisadores, 1730; para outros, 1738); a origem do seu aprendizado artístico com mestres portugueses (e também com seu pai, o arquiteto Manoel Francisco Lisboa); a influência do barroco austro-germânico; o papel que teve em seu caráter a condição de mulato; sobre as inovações que introduziu na arquitetura barroca, assimilando e recriando o estilo rococó; as características de sua imaginária em cedro e pedra-sabão; o papel das oficinas e corporações de ofício; e a doença que o mutilou — até hoje não se sabe se foi sífilis, artrite infecciosa ou outra mal.

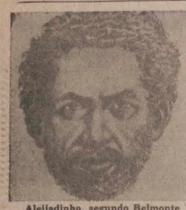
O artigo de Marília Andrés Paixão, professora de História da Arte na Escola de Belas Artes da UFMG, parte de estudos de vários pesquisadores e sintetiza a evolução do artesão para o artista na arte moderna, mostrando as circunstâncias em que ela ocorreu no ambiente específico das antigas vilas do Ciclo do Ouro, durante o Século XVIII.

Marília Paixão chama a atenção para "a importância decisiva" que o mulato assume na atividade artística de Minas, devido à posição intermediária por ele ocupada na estrutura social mineira da época do ouro. Enquanto os escritores, oriundos das camadas mais ricas, "estavam imbuídos do preconceito contrário ao trabalho manual", e os escravos, discriminados racialmente, eram condenados ao trabalho sem qualificação, os mulatos, vindos das camadas intermediárias, "tiveram maior oportunidade de se dedicarem às artes plásticas, à música e à dança". Estes, salienta, foram os casos do Aleijadinho, do pintor Manuel da Costa Ataíde e do compositor José Joaquim Américo Lobo de Mesquita.

Por sua Vez, a professora Leda Botelho Casa Santa destaca o papel pedagógico e atual da obra do Aleijadinho, ao justificar a publicação do "suplemento pedagógico" a ele dedicada. Para ela, o trabalho do maior artista mineiro declarado em 1973 "patrono da arte no Brasil", "tem um sentido muito especial":

— Ele não seguiu as normas da arte européia, mas criou estilo próprio e até com recursos próprios, como a pedra-sabão, que antes ninguém havia trabalhado. Ele se voltou para a realidade local, e essa é a lição para que o povo descubra as suas formas de libertação.

Aliás, ainda segundo a diretora do Centro de Educação Permanente, o objetivo do "suplemento pedagógico", cuja publicação não tem periodicidade devido à limitação de recursos, é abordar temas educativos. Por isso, além de assuntos educacionais específicos, o suplemento tem se dedicado também a estudos sobre a vida e obra de personalidades eminentes da cultura mineira, como o médico Carlos Chagas, o paleontólogo Wilhelm Peter Lund e a educadora Helena Antipoff.



Aleijadinho, segundo Belmonte

O retrato oficial do artista

Aleijadinho, um escultor que se dedicou aos temas sacros

Patrono da arte no Brasil

"Era uma vez um Aleijadinho, / não tinha dedo, não tinha mão, / raiva e cinzel, lá isso tinha, / era uma vez um Aleijadinho, / era uma vez muitas igrejas / com muitos paraísos e muitos infernos, / era uma vez São João, Ouro Preto, / Mariana, Sabará, Congonhas / era uma vez muitas cidades / e o Aleijadinho era uma vez." Os versos de "O Vôo sobre as Igrejas", do mineiro Carlos Drummond de Andrade, falam do também mineiro Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho ou ainda, segundo a Lei nº 5.984, de 12 de dezembro de 1973, o "patrono da arte no Brasil". A lei, assinada pelo ex-presidente Emilio Garrastazu Médici e pelo então ministro Jarbas Passarinho, tornou realidade o projeto do deputado Paulino Cicero de Vasconcelos, que assim justificou a indicação do artista como "patrono da arte no Brasil": "Antonio Francisco Lisboa saiu de Minas para o mundo. É autenticamente um patrimônio artístico do Brasil. Há quem diga muito sobre o Aleijadinho. Mas todos lhe conferem o mérito da originalidade e da renovação".

Marcas da celebridade

SHEILA LEIRNER

Os dois times estiveram na Debret, em Paris: 11 telas de Cláudio Tozzi e 11 aquarelas de Gregório Corrêa: Jogaram, portanto, em estádio menos importante que o da própria Bienal à qual foram convidados, e hoje são "homenageados" pela galeria Bonfiglioli (r. Augusta, 2.965), que reapresenta a exposição. Não que o público desconheça as paisagens tropicais, domésticas e urbanas destes seus melhores técnicos jovens. Mas está é, afinal, a ocasião mais conveniente para o gesto solidário de reabilitar a parte tão "injustiçada" quanto promovida da seleção artística brasileira... (que a esta altura já deve, inclusive, ter vendido boa parte da exposição).

Como já disse, não há surpresa na mostra. Enquanto prepara a série no estilo Pattern (estampa) da colcha de retalhos popular, Tozzi ainda apresenta os mesmos e híbridos papagaios/periquitos de linhagem Pop — Impressionista, e tradição visual Renascentista. Isto é, uma fusão imaginária (não naturalista) das aves que servem como temática em si e como pretexto para a dissecação impressionista, por meio da reticula, de um momento cromático muito específico, que é o tropical. Aqui, o animal é o assunto principal deste momento. Um objeto retratado no primeiro plano do espaço de uma paisagem assim como a figura humana o foi em qualquer retrato da Renascença. O papagaio de Tozzi é, todavia, uma Mona Lisa sem mistério. Depois que a arte Pop concedeu para o objeto o mesmo peso do homem, mais que isso, elegeu o objeto como seu maior representante, não há como fugir à regra: o objeto fez arte que apresenta este objeto, de forma crítica ou não, acaba confundindo-se com seu usuário e torna-se, ele mesmo, um mero objeto de consumo.

A cômica versão warholiana da arte e do artista, da vida e do trabalho como uma totalidade indissolúvel não foi suficiente para que Tozzi, também uma figura pública, imprimisse individualidade à sua obra. Ela tornou-se um estilo, um logotipo da marca Cláudio Tozzi que — ao contrário da de Warhol — está longe de Cláudio Tozzi. Nessa exposição, em particular, esta marca, além de tudo, confunde pintura com processo gráfico de multiplicação. Não que a pintura não possa passar pelo seriário — seria, aliás, até preferível que fossem todas iguais —, mas aqui as pequenas diferenças formais não são suficientes para distinguir o Papagaio I do Papagaio II, do Papagaio III, do Papagaio IV, do Papagaio V, etc, nem para manter intactas as qualidades estéticas dos trabalhos a um nível mais profundo, como Cláudio sempre conseguiu. Ao contrário, servem apenas para sublinhar a intenção de apresentar obras "únicas", enfatizando esse exercício comercio já chegou a ser um "crime perfeito", mas que hoje começa a ser desvendado.

A primeira vista, Gregório também não surpreende. A mudança em suas aquarelas (algumas já conhecidas) é algo muito sutil. Há ali um amadurecimento e uma angústia criativa que apenas se adivinhava em seus trabalhos anteriores. Este é, de fato, um dado subjetivo. No entanto, ele não pode ser desprezado, pois é justamente nessa angústia, penso eu, que está o caminho do artista. Na insegurança de quem não tem respostas ou não acredita nas soluções que se apresentam. Para outros artistas, ela poderia estar até na aceitação do público, mas para Gregório há um confronto sofrido com a dificuldade, a procura. A busca, e não a construção fictícia de uma verdade.

Suas paisagens domésticas e urbanas são conhecidas como símbolos da solidão contemporânea; adotam a técnica fotográfica do hiper-realismo; têm a qualidade crítica e metafísica que só o olho "viajado" da nova geração pode captar; possuem a marca de uma juventude para quem a angústia é entendida e resolvida ao nível dessa captação e do registro do cotidiano. Mas, mais importante que tudo isso, é que, assim como Giacometti, Gregório faz arte com dificuldade. Uma dificuldade interna que a sua facilidade técnica felizmente não ajuda a esconder.

Mary Zilda e Raul Tabajara, depois de um jogo no Maracanã, e um flagrante da revolta na Ilha Anchieta

Mulher, fotógrafa, pioneira: Mary Sereno

Levantes políticos, greves de operários, partidas de futebol, chegada ao Brasil de reis e rainhas, personalidades políticas, artísticas e esportivas. Nenhum acontecimento importante escapou à objetiva de Mary Zilda Grassia Sereno, a primeira repórter-fotográfica do Brasil. Para comemorar os seus 33 anos de pioneirismo e desafio no feminino (para mulheres) mundo profissional da fotografia, a galeria Sesc/Carmo (rua do Carmo, 147) selecionou os momentos mais importantes do trabalho de Mary Zilda, numa mostra que reúne três décadas da realidade brasileira.

Conversar com a primeira repórter fotográfica brasileira é traçar um mapeamento de todas as etapas conquistadas pelas mulheres neste campo de trabalho. Sem ser feminista militante, ela aproveita a "Semana Internacional da Mulher" para desabafar: "Todas as mulheres, mesmo arrumadinhas, podem e devem trabalhar ombro a ombro com os homens". E foi com essa determinação que um dia ela entrou na redação do jornal **Hoje** e pediu emprego. Depois de superar os preconceitos do exigente editor, surpreso com seu atrevimento, ela teve de passar por uma provação: o "batismo de fogo". Naquele mesmo dia teria de fotografar um cadáver em decomposição. Foi ao necrotério e, com muita "garra", desempenhou a tarefa com segurança. Estava contratada. Na época não era ligada a nenhum partido político e, até mesmo, desconhecia a linha ideológica do jornal que acabava de contratá-la. Era considerado um diário "comunista". Um dia, ao cobrir uma greve no Brás, Mary Zilda foi detida na porta de uma fábrica por um policial militar. Ao ser questionada a que entidade política pertencia, respondeu: "Sou repórter fotográfica do jornal **Hoje**". Essa inocente declaração lhe valeu a liberdade. O policial não acreditou em nenhuma das duas possibilidades. "Com ares de desprezo, argumentou: "Se você realmente trabalhasse no **Hoje**, esconderia esse fato ou inventaria outro nome para o seu jornal. E, além disso, mulher fotógrafa? Está solta."

Mas essa não foi a única surpresa que Mary Zilda provocou nos seus 33 anos de fotografia. Em 5 de julho de 1947 ela subiu numa escada magirus (de sala justa, porque na época nenhuma mulher usava calça comprida) para fotografar a **Estação da Luz** em chamas. Ela garante que dividiu o espetáculo com a tragédia da antiga estação ferroviária. No entanto, a bela loira, elegante, impassível, não se deixou dominar pela inibição. Resultado: suas fotos foram publicadas em duas páginas inteiras do jornal **A Gazeta Esportiva**, onde também trabalhou vários anos.

Voz firme, muito animada, apesar do desastre de automóvel que sofreu em serviço, há cinco anos, Mary Zilda, que sempre viveu da fotografia e trabalha até hoje, volta a falar do seu assunto preferido: o futebol. "Sempre frequentei o campo, desde menina. Meu pai pertencia a um time amador. Eu vibrava com seus gols." Num domingo ensolarado de verão, Mary Zilda usava a palheta do seu pai. Depois de um gol emocionante ela puxou o chapéu e o fundo rompeu. "A aba ficou presa no meu pescoço, fiquei vermelha, parecia uma gola de palhaço". Desde essa época ela não deixou os campos. Foi a primeira mulher a trabalhar profissionalmente no gramado. Acompanhou o nascimento do Maracanã, desde o lançamento da pedra fundamental, e foi a única mulher a registrar o choro da torcida brasileira incorformada pela perda do Campeonato Mundial de Futebol, de 1950, para o Uruguai.

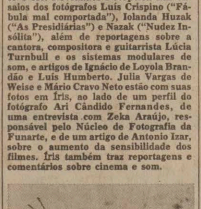
Se ainda hoje a presença de uma mulher jornalista chama a atenção num campo de futebol, pode-se imaginar o que aconteceu naquela tarde de um Pacaembu lotado, final do campeonato paulista, quando Mary Zilda, entrou no gramado de **Rolley** na não para registrar os lances mais emocionantes da partida. Surpresa geral. A torcida gritava e assoblava. "Foi o fiu-fiu mais longo que já ouvi na minha vida".

Leonor Amarante

Detalhe da fábula de Crispino

Imagem e som em 2 revistas

Duas revistas de fotografia, cinema e som estão nas bancas: Novidades Fotoptica e Íris, respectivamente os números 99 e 338. Novidades Fotoptica traz ensaios dos fotógrafos **Luis Crispino** ("Fábula mal comportada"), **Iolanda Huzak** ("As Presidiárias") e **Nazak** ("Nudez Insólita"), além de reportagens sobre a cantora, compositora e guitarrista **Lúcia Turnbull** e os sistemas modulares de som, e artigos de **Ignácio de Loyola Brandão** e **Luis Humberto**. **Julia Vargas de Weise** e **Mário Cravo Neto** estão com suas fotos em Íris, ao lado de um perfil do fotógrafo **Ari Cândido Fernandes**, de uma entrevista com **Zeka Araújo**, responsável pelo **Núcleo de Fotografia da Funarte**, e de um artigo de **Antonio Inar**, sobre o aumento da sensibilidade dos filmes. Íris também traz reportagens e comentários sobre cinema e som.



A Bolívia de Julia Vargas

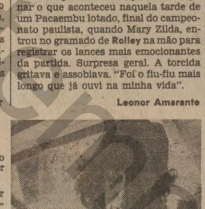
Retratos e cenas da vida inglesa

Retratos de pessoas e cenas da vida inglesa estão na exposição do fotógrafo Mário Paiva (r. do Manifesto de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1578). São 17 fotografias elaboradas pelo artista durante os três anos que viveu na Inglaterra, quando cursava o **West Surrey College of Art Deisgn.**

Paulista, 32 anos, Mário Paiva começou a fotografar profissionalmente nos jornais **O Estado** e **Jornal da Tarde**, onde trabalhou durante um ano e meio. Em 1976, viajou para a Inglaterra com a intenção de conhecer a técnica inglesa de fotografia e chegou a algumas conclusões: "A preocupação da fotografia na Inglaterra é mais concentrada na técnica da foto, através da plasticidade, enquanto os latino-americanos se voltam para a foto de personagem". Mário Paiva sente que os próprios fotógrafos têm um certo receio de fotografar as pessoas, "elas não gostam, reclamam quando percebem que estão sendo fotografadas, se assustam". No Brasil, Paiva reconhece que "as pessoas são mais soltas e chegam a gostar de ser fotografadas na rua".

O trabalho que conseguiu desenvolver na Inglaterra foi exposto na escola **Wolverhamptom Polytecnic**, em Londres. Como **free lancer** Paiva fez vários trabalhos, como as fotos de Márika De Rivera, a filha de Diego Rivera, o pintor mexicano. Na época em que ela foi fotografada, em 1976, o artista participava do filme "Casanova", de Fellini.

Além de fotografar os personagens do meio artístico e da vida cotidiana inglesa, Mário Paiva diz que aprendeu muito sobre fotografia, principalmente porque lá ela é "olhada com mais respeito que no Brasil". Paiva lamenta que no Brasil o material existente no mercado é de má qualidade. E a importação de material e equipamento, segundo ele, deveria ser aberta aos profissionais. A exposição de Mário Paiva Jr. fica no Masp até o dia 22.



Uma cigana, por Mário Paiva

Fotografia

MÁRIO PAIVA JÚNIOR — Até o dia 22 de março, o fotógrafo paulista Mário Paiva Júnior mostrará seus trabalhos no Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1578). As fotos — 17 trabalhos — retratam pessoas e cenas da vida inglesa, e foram concebidas quando o artista esteve na Inglaterra, estudando fotografia no West Surrey College of Art and Design, por três anos. Atualmente, Mário Paiva Júnior é repórter fotográfico.

CÂNDIDO FERNANDES — Em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, o fotógrafo Cândido Fernandes expõe 60 fotos em preto e branco e 14 a cores, em que o tema é a mulher do mundo inteiro. A mostra permanecerá aberta até o dia 23 de março na Casa Del Pazzo (avenida Angélica, 2491).

A MULHER BRASILEIRA — Os alunos da Escola de Fotografia Imagem-Ação (avenida Nove de Julho, 3284) abordam a situação da mulher na sociedade brasileira em mais de 100 fotografias. A mostra fica aberta de segunda a sexta-feira, das 9 às 21 horas e das 13h30 às 21 horas. Aos sábados, das 9 às 12h30.

MARY ZILDA GRASSIA SERENO, a primeira repórter fotográfica do Brasil, iniciou sua carreira na imprensa brasileira no início da década de 40 e mostra agora seus trabalhos na Galeria SESC/Carmo (rua do Carmo, 147), até o dia 29 de março. As fotos revelam aspectos da cidade de São Paulo nas décadas de 40, 50 e 60, além de retratos de políticos da atualidade e de personagens ligados ao futebol. Aberta de segunda à sexta-feira, das 10 às 21 horas. Sábados e domingos, das 10 às 15 horas.

CARNAVAL — O Salão Foto-Arte Fotográfica (rua Major Diogo, 670) apresenta, até o dia 13 de março, 120 fotografias coloridas, sobre os carnavais de São Paulo e Rio de Janeiro. José Targa Ribeiro, Eduardo Ghazarov e equipe fotográfica da própria Fui são os responsáveis pelos trabalhos expostos. De segunda à sexta-feira, das 9 às 22 horas e aos sábados das 14 às 22 horas.

Artes Plásticas

QUATRO GRANDES PINTORES — Os artistas acadêmicos Benedito Calixto, Oscar Pereira da Silva, Paulo do Valle Júnior e Pedro Alexandrino estão com obras expostas no Pavilhão "Armando Arruda Pereira" (parque do Ibirapuera), dentro da mostra "Quatro Grandes Pintores", organizada pela Sociedade Amigos da Arte — Sociarte. A vida e a obra desses artistas foram ligadas a São Paulo.

COLETIVA — Com o objetivo de lançar novos artistas, o Centro de Artes Shopping News (rua Martins Fontes, 159) promove a 3ª Mostra Nova, destinada a estudantes de arte e autodidatas que nunca expuseram anteriormente. Foram escolhidos os trabalhos de 28 artistas, que ficarão expostos até o próximo dia 23.

GRUDZINSKI — Considerado no ano passado "o melhor gravador do ano" pela crítica especializada, Hans Grudzinski mostra na Lácio Galeria de Arte (avenida Brigadeiro Faria Lima, 1.684 s/loja) um conjunto de 20 gravuras, desadas dos dois últimos anos. A mostra pode ser vista de segunda a sexta-feira, das 13 às 21 horas, e aos sábados, das 10 às 13 horas. Até o dia 27.

INÊS SÁ — A artista carioca expõe pela primeira vez individualmente, em São Paulo, no Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1578). Formada pela Escola Nacional de Belas Artes, Inês Sá já realizou várias exposições pelo Brasil, nas quais apresentou um trabalho diversificado: desenhos, litografias, gravuras e objetos. Para esta mostra paulista, ela escolheu só desenhos e gravuras. Até 15 de março.

REBOLO, MABE, SCLIAR, PERISSIONOTO João Yugom Graeben e Orlando Reino, entre outros, estão com pinturas de suas obras em exposição na mostra intitulada "Paisagem e Natureza Viva", promovida pela A Galeria (r. Haddock Lobo, 1.111). Os trabalhos podem ser vistos de segunda a sábado, das 11 às 22 horas.

OBRAS DO MASP NO SESC. Os melhores momentos do Brasil antigo estão reunidos na 39ª mostra da série "Obra-Prima do Masp no Centro Cultural Campos do Jordão". As obras expostas são de autoria de Jean Baptiste Debret, "O Caçador de Macacos" (Paris, 1768-1848); Henry Chamberlain, "Ponta de Armação em Niterói" (Inglaterra 1876); Nicola Antônio Facchinem, "Escola Naval de Angra dos Reis" (Itália, 1824); Luís Carlos Ribeiro, "A Revolta de 6 de Setembro de 1893" (segunda metade do século XIX); e Eduardo de Martinho "Marinha Noturna" (Sorrento, 1838). A coletiva pode ser vista até o dia 22 março, de quarta-feira a domingo, das 9 às 17 horas, na avenida das Jaboticabeiras, 1.100 - Sto. Amaro.

JOSÉ WASTH RODRIGUES — "Paisagem de Minas", de 1932, do artista José Wasth Rodrigues é o "Destaque do Mês" que a Pinacoteca do Estado de São Paulo (avenida Tiradentes, 141) apresenta de terça a sexta-feira, das 14 às 22 horas, e sábados e domingos, das 14 às 18 horas. Na tela, executada a óleo, um registro poético da paisagem mineira e uma defase na cor.

TOZZI, BANG, CHAROUX, SHIRÔ e outros artistas integram o acervo da Kate Gallery (rua Augusta, 2.949), que está em exposição durante o mês de março. Também na mostra, gravuras de Isabel Pons, Fayga Ostrower, Anna Letycia Quadros, Marcelo Grassmann, Livio Abramo, Renina Katz, Leonardo Carlos Jardim, Alex Brill.

GRAVURAS EM METAL — A partir de hoje, às 20 horas, a Galeria SESC Paulista (avenida Paulista, 119) mostra gravuras em metal, de autoria Eugene Zeide, José Antonio Arantes, Lula Cláudio Mubarac, Madalena Hashimoto e Luis Bum. Todos os artistas já participaram de exposições coletivas, e em seu trabalho, exploram temas como a paisagem, a natureza-morta e o erotismo. Até o dia 24 de março, de segunda a sexta-feira, das 13 às 19 horas.

MILTON ROSENTHAL
WILSON JOSÉ DE MELLO
MANOEL CARLOS DA COSTA LEITE FILHO
ADVOGADOS
R. Senador Feijó, 115-8º andar.
Tels.: 35-3480 - 35-0813 - 35-9870.

V.ª FEIMOC
FEIRA DO MÓVEL COLONIAL
ITATIBA
27/03 a 12/04

GALPOES
PRÉ-FABRICADOS
em madeira roliça tratada
Rápida instalação para estábulos, granjas, pocilgas, abrigos para implementos. Pronta entrega, baixo custo, montagens completas em todo Brasil.
Projetos e orçamentos sem compromisso.
ENBRAPENO LTDA.
SP-fones: 247-0661 - 247-7989
Usina e Fábrica - Bretas - SP

ACERTE NA COMPRA, LUCRE NA VENDA.
COMPROVE A EFICIENCIA DOS CLASSIFICADOS DE "O ESTADO DE S. PAULO" E DO JORNAL DA TARDE.

PEQUENOS ANÚNCIOS
36.2351

Banco do Commercio e Industria de São Paulo S.A.
CGC - 61.364.022/0001-25
Assembléia Geral Extraordinária
Convocação
São convidados os senhores acionistas a se reunirem em Assembléia Geral Extraordinária, às 9:00 (nove) horas do dia 19 de março de 1981, na sede social à Rua XV de Novembro, 289, a fim de deliberarem a respeito da verificação da subscrição do aumento de capital de Cr$ 1.500.000.000,00 para Cr$ 4.160.000.000,00, autorizado pela Assembléia Geral Extraordinária realizada em 9.12.1980 e consequente alteração do artigo 5º "caput" do Estatuto Social, mantidos os seus parágrafos.
Ficam suspensas as negociações de ações no dia da Assembléia e suspenso o registro de transferências, conversão e desdobramento de ações nominativas a partir do dia 11 de março p.f. até o dia da realização da Assembléia.
São Paulo, 9 de março de 1981
Carlos Eduardo Quartim Barbosa
Presidente do Conselho de Administração.

AGRICULTORES E PECUARISTAS
visitem o
SHOPPING CENTER DO AGRICULTOR
onde encontram tudo para a sua fazenda, haras, sítio ou granja, pelos melhores preços do mercado.
Exposição permanente de materiais para lavoura e pecuária
RUA CLÉLIA, 1517 (esq. Rua Aurélia - Lapa) Estac. interno - Tels.: 864-8636 - 864-7205 - SP

CONSTRUTORA BRASEU S/A
Comunica que devido ao incêndio ocorrido em 9/03 no Edifício Brasilar, estará atendendo provisoriamente à
RUA TUTÓIA, 1074 - TELS
549-0629, 549-2034, 549-0292.

12.º Curso Especial de Engenharia de Segurança do Trabalho
Convênio Fundacentro - Ministério do Trabalho
1 semestre, noturno • 436 horas, para graduados em engenharia • 40 vagas por turma • inscrição e matrícula de 4 a 13 de março, das 15 às 20 h, na secretaria do Curso de Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho. Rua Itambé, 45, Higienópolis, S. Paulo.
Requisitos:
a) Requerimento em impresso próprio, fornecido pela secretaria. b) 2 xerox autenticadas do CREA. c) Histórico Escolar do curso superior e currículo vitae. d) 2 fotos 3x4 recentes. A seleção constará de exame de currículo.
Universidade MACKENZIE
Rua Itambé, 45

Resolva mais facilmente os problemas de sua lavoura
suplemento AGRICOLA